

AS PRIMITIVAS ECLÉSIAS¹

No império romano, os cristãos logo desde o seu início, foram considerados uma associação conspiratória que deveria ser exterminada e esconjurada. No entanto, as ações de solidariedade e entreaajuda dos cristãos, da sua mística do amor e do apoio mútuo, permitiam-lhes muito mais, eficazmente, do que entre os pagãos, superar melhor as situações de crise coletiva, como por exemplo as devastações populacionais em épocas de epidemias.

Esta mística do amor e da entreaajuda alicerçava-se numa nova forma de amor que lhes tinha sido legada por Cristo, nomeadamente, no serviço desinteressado ao outro, que ia para além dos laços familiares, de raça, tribo ou nação. Estas ideias socialmente revolucionárias, mas muito eficazes na prática, não permitiam que em tempo de flagelos sociais, se abandonassem os doentes e os moribundos como faziam os pagãos quando aconteciam as epidemias. Os cristãos não fugiam deles, auxiliavam-nos, confortavam-nos, e estavam melhor preparados para lidar com este tipo de situações.

O movimento cristão das primeiras eclésias estava alicerçado no superior empenho das pessoas, que se reuniam em dados locais, como por exemplo casas particulares, e outros espaços de maiores dimensões, onde se liam as cartas e as mensagens dos apóstolos. Estas pessoas serviam, desinteressadamente, e detinham a melhor de todas as técnicas de *marketing*, nomeadamente, a divulgação de pessoa a pessoa. O Cristianismo oferecia-lhes uma visão de maior esperança, e da razão pela qual estes eventos tinham tombado sobre a humanidade, fazendo com que houvesse taxas mais elevadas de sobrevivência. Daqui se infere que a seguir a cada epidemia, os cristãos passassem a constituir uma maior percentagem da população, essencialmente, por dois motivos: primeiro porque morriam menos, pela prática do ser útil ao próximo, por não fugir dos doentes, por andar entre eles, por lhes tocar, e o seu amor fazia muitas vezes recuperar quem estava contagiado; e segundo, pelas novas conversões, já que os sobreviventes pagãos eram depois facilmente convertidos, pelo exemplo dos cristãos.

Havia ainda outra característica interessante que os distinguia dos pagãos. O paganismo na altura do império romano dependia de uma elite que poderia ser facilmente destruída a partir do topo, ou seja, eliminando a cabeça, o resto acabava por colapsar. O cristianismo primitivo não funcionava assim, as primeiras eclésias, eram movimentos de massas, vibrantes, abrangentes no seu todo, e não a simples fabricação de uma elite. Uma boa organização é sempre maior que a soma dos seus membros, precisamente, porque se criam sinergias entre eles. A razão essencial do seu crescimento tem a ver com a mensagem e vivência dos valores cristãos, a intensidade do seu sentido comunitário, capaz de gerar uma firmeza inabalável naquilo em que acreditavam e que lhes davam a motivação necessária para continuar, apesar do que lhes pudesse acontecer.

Quando o império romano tentou destruir o cristianismo não conseguiu. Confundiu a organização cristã com aquela dos pagãos, punindo os líderes e não o resto dos cristãos. Dito de outra forma, quando os romanos decidiram destruir o cristianismo fizeram-no de cima para baixo, tomando como um dado adquirido, que só os líderes eram importantes, tal como no paganismo, o que não era o caso. Cada cristão que vivia os Ensinamentos era uma ilha de excelência, e, independentemente, do que acontecesse ele continuaria o seu caminho de manifestação dos valores cristãos.

Este impulso criador das primitivas eclésias foi também replicado em Oceanside, aquando da fundação de Monte Eclésia (ME) por Max Heindel e Augusta Heindel. Durante os dez anos seguintes e enquanto Max Heindel foi vivo houve um verdadeiro cadinho de ideias e dedicação à causa Rosacruz (RC), por parte das pessoas que lá trabalhavam. Continuando na senda das primitivas eclésias cristãs, ME transformou-se numa verdadeira comunidade de divulgação da filosofia RC e também num centro de cura, tornando reais os dois mandamentos que Cristo nos deixou: a disseminação do Evangelho e a cura dos enfermos. Esta é a base de ME, esta é a base do nosso movimento.

¹ Do grego *ekklesia*, era a assembleia dos cidadãos maiores de 18 anos, numa cidade-estado, com especiais poderes na vida política; comunidade ou comunidades dos seguidores da doutrina de Jesus, ou a sua reunião num dado local; assembleia de cristãos; só mais tarde passou a ter também o significado de igreja.

É já um dado adquirido que as organizações com o decorrer do tempo têm uma tendência para se tornarem, extremamente, conservadoras e dogmáticas, mais preocupadas com a sua parte exotérica do que propriamente em desenvolverem o trabalho esotérico que esteve na base da sua fundação. Enredam-se em leis, regras e estatutos corporativos, completamente desnecessários para a sua dimensão, *até que batem no fundo*, não conseguindo responder mais ao seu impulso fundador.

Lembremo-nos, no entanto, que o trabalho intenso a que os pioneiros de ME estiveram sujeitos não foi em vão. Compete-nos, portanto, a todos, estudantes e especialmente probacionistas, recapturar as condições vigentes que caracterizavam o ambiente espiritual da primeira década da sua existência em particular, e dar continuidade ao trabalho realizado até aqui. Pois bem, a questão que se coloca é o que nós temos feito para que isso suceda? Qual a nossa participação individual e grupal para melhorar a situação? Há um ditado que nos diz que *“o sucesso de todo e qualquer movimento depende inteiramente da forma de participação de cada indivíduo”*. Ou seja, o sucesso depende da nossa responsabilidade individual, e é directamente proporcional à dedicação colocada em trabalhar por esta causa.

Se recuarmos dois mil anos atrás, podemos vislumbrar como seriam as primitivas comunidades cristãs. Prenhes de pessoas com um sentido comunitário extraordinário, que as motivavam a socorrer, indiscriminadamente, os doentes, vítimas de lepra e outras doenças contagiosas. Estas pessoas estavam investidas pelo espírito de serviço desinteressado ao próximo, e formavam autênticas comunidades de transmutação espiritual e social. Trabalhavam intensamente e com alegria para que o cristianismo fosse um factor estimulante e diferenciador no mundo. O trabalho feito em ME na primeira década da sua existência, tinha precisamente esse cunho de irradiar uma influência espiritual pura e forte de alcance ilimitado.

Paulo na sua formosa Carta aos Gálatas, exorta-os a seguirem Cristo com entusiasmo², a não se justificarem pela Lei, mas pela fé em Cristo, porque só a boa-nova de Cristo justifica, e indicando o caminho, dá também força sobrenatural para o seguir.

Cada estudante, cada probacionista e cada discípulo que viva os Ensinamentos, deve constituir-se como uma ilha de excelência, autónoma dentro de si mesmo, com a força indispensável para não hesitar no caminho e tornando-se num poderoso antídoto contra o mal, replicando assim, o exemplo das Primitivas Eclésias na constância da sua Imitação de Cristo.

Até que o Cristo seja formado em vós.³

*António Ferreira
Solstício de Verão*

² do grego *enthousiasmós*, inspiração divina

³ Gal 4, 19

